



PREFÁCIO

Sidney Chalhoub

Viajantes de saias é um convite à imaginação. A pesquisa extensa de Ludmila de Souza Maia não localizou registro de que as duas protagonistas do livro, Adèle Toussaint-Samson e Nísia Floresta, tenham se conhecido, se bem que tal encontro permanece plausível, pois moraram nas redondezas uma da outra no Rio de Janeiro de meados do século XIX, frequentando círculos sociais que, se não eram os mesmos, decerto se interligavam. No livro de Ludmila, Adèle e Nísia conversam, pois têm muito em comum no que tange aos desafios da educação e da escrita feminina à época.

Outra contemporânea delas foi Capitu, que talvez tenha traído Bento Santiago — o Dom Casmurro —, talvez não. Em torno do chá, Capitu contaria para as outras duas que crescera cheia de curiosidades. Tinha memória supimpa, gostava de saber de tudo, cousas graves, cousas frívolas, perguntas demais, assuntos de várias espécies. No colégio, aprendera a ler, a escrever, a contar, francês, obras de agulha. Depois quis aprender inglês, chegou a ter algumas aulas. O padre Cabral ia à casa dos Santiago dar lições de latim a Bentinho, Capitu sempre à espreita, a ponto de o religioso fazer pilhéria, perguntando a ela se também queria aprender latim. A menina se interessou, ouvindo então ao padre “que latim não era língua de meninas”. Dom Casmurro nos diz que Capitu “confessou-me um dia que essa razão acendeu nela o desejo de o saber”. As “curiosidades de Capitu”, a sede de saber dela, quiçá atizada mais ainda por tudo que lhe era interdito apenas devido ao seu sexo, pareceu a Dom Casmurro mais um indício de que ela era bem capaz de tê-lo traído. Para piorar, ela vivia atracada com romances, lia à noite até o ponto de acordar de ressaca no dia seguinte, com dor de cabeça. Emma Bovary foi outra grande leitora de romances...

Nísia Floresta sabia bem o quão delicado era o tema do que se poderia ensinar às meninas. Na Corte, foi dona do Colégio Augusto, assim chamado em homenagem ao marido que havia falecido. A escola prosperou, ensinando às meninas o que se podia e mais um pouco, quem sabe idiomas demais. Por trás de um pseudônimo, como era comum naquele tempo, um crítico publicou cartinha em jornal dizendo que havia ali muito latim e

pouca agulha: “Trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos”. Desse tipo de barro se fazia um varão como Dom Casmurro, se bem que não, pois a personagem de Machado de Assis era um ciumento erudito, aparentemente suave por seguir os protocolos de sua classe social.

As três mulheres viajaram, mas por motivos muito diferentes. Capitu foi para a Suíça banida pelo marido, talvez porque este temesse o próprio desejo, que confessou uma vez, de matá-la. Quando *Dom Casmurro* apareceu, no final da década de 1890, os jornais do Rio andavam cheios de relatos de crimes passionais. Adèle foi de Paris para o Rio devido à carreira do marido, artista que acabou fazendo muito sucesso na Corte. Nísia foi do Rio para Paris e alhures — viúva e endinheirada, andou com a filha por toda parte.

Sobre as viagens de Capitu, nada sabemos, pois Dom Casmurro não as conta, nem deixa que Capitu o faça. Adèle e Nísia publicaram muitas impressões e reflexões sobre as viagens que fizeram. Não faltaria assunto para outra xícara de chá. Adèle rememoraría o maior estranhamento que tivera ao chegar à Corte, em 1849. Naquele ano, labutavam no Rio de Janeiro mais de cem mil escravizados, a maioria vinda da África. Faziam de tudo na cidade, não havia família de posses que não fosse servida por vários deles, mesmo gente remediada possuía o seu cativo. Adèle se sensibilizara, criticava a instituição da escravidão, mas, seguindo modos de ver comuns à época, tinha visões muito depreciativas dos negros. Nísia parecia silenciar sobre o tema, até que, ao discuti-lo diretamente, atribuía inferioridade física e moral aos negros, porém a explicava como resultado da instituição do cativo, não algo inato a eles.

Passariam a outros assuntos, as três curiosas. Falariam dos filhos, da família. Lamentariam os entraves à educação feminina, os limites legais a seus direitos, as amarras do casamento, do dote, as dificuldades de se firmarem como escritoras naquele mundo dominado por homens. Todavia, Adèle diria algo positivo do marido próprio, Nísia suspiraria a saudade do seu que se fora, Capitu contaria às amigas o segredo que todos queremos saber há mais de um século...

Quanto a você, que me lê, passe logo às páginas de Ludmila Maia. *Viajantes de saias* é um banquete. Baseado em pesquisa rigorosa e impressionante, escrito com rigor e leveza, o livro é contribuição decisiva à bibliografia sobre a condição feminina no século XIX, com a vantagem de se realizar no diálogo transatlântico, na forma como a experiência de viagem fecunda a reflexão e a imaginação de duas mulheres unidas pela vocação da escrita, afiadas no latim e desafiadoras das prerrogativas masculinas em tal ofício.

SIDNEY CHALHOUB, Departamento de História, Harvard University

ADVERTÊNCIA

No final da década de 1850, o jornal francófono *Courrier du Brésil* publicou no Rio de Janeiro a transcrição de um artigo de Pierre-Joseph Proudhon, filósofo e anarquista francês e um dos líderes da revolução de 1848 na França, intitulado “Crônica estrangeira: as mulheres-autor” (*Courrier du Brésil*, 04/07/1858).¹ O artigo apontava a incapacidade das mulheres para a escrita, para o pensamento e para a metafísica de forma geral. Só o acaso explicaria o seu poder de raciocínio e de criação. Entre as incapacidades que lhes considerava peculiares, Proudhon incluiu ainda a de não conseguirem “formular um julgamento”. Para ele, os livros de uma mulher eram simples imitações e lugares-comuns, e a originalidade evidenciava-se apenas em “algumas gentilezas”. A escrita da mulher, que definia como um “ser passivo e enervante, cuja conversação lhe cansa tanto quanto seus abraços”, seria reflexo da sua personalidade, em uma visão bem depreciativa.

O texto enfim chega à questão da fisiologia das damas, tema fundamental para muitos contemporâneos do autor. Segundo o filósofo, “a natureza não fazia nada em vão, e o vigor e a continuidade da meditação, que apenas têm os homens de gênio”, julgou “incompatível com as funções e os deveres da maternidade”. Conclui que “a mulher que se arrisca a filosofar e a escrever mata sua progenitura pelo trabalho de seu cérebro” e, portanto, ela deveria “renunciar à maternidade” e se conformar com o título de “concubina” ou “cortesã”, já que a alcunha de esposa implicava também o dever da procriação. Até mesmo as “exceções”, ou seja, as escritoras renomadas da França dos séculos XVIII e XIX, não escaparam à pena ácida de Proudhon, que atribuía o sucesso delas ao acaso, a plágio ou acidente, não sendo merecedoras, portanto, da fama de que desfrutavam. Madame De Staël, segundo o filósofo, foi enaltecida

1 Como se trata de texto jornalístico, traduzi diretamente do francês e apresento apenas a versão em português de todos os textos do *Courrier du Brésil* que aparecem neste livro.